

## ***Memorial de Aires* e as dilacerações da escrita e do eu**

**\*Diogo Pacheco Veloso**

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é analisar a obra literária *Memorial de Aires*, de Machado de Assis, tendo em vista a forma como a mesma é escrita, ou seja, o diário íntimo ficcional. Nesse sentido, pretende-se discorrer sobre as especificidades desse tipo de escrita memorialística, os motivos que impulsionam o narrador a escrever e a maneira pela qual o narrador vai se desintegrando no decorrer da escrita do diário, culminando na dilaceração do sujeito e do discurso que ele encerra.

**Palavras-chave:** *Memorial de Aires*, Escritura memorialística; Diário íntimo ficcional; dilaceração da escrita/eu.

**“(…) Queriam ser risonhos e mal se podiam consolar. Consolova-os a saudade de si mesmos”.**  
Marcondes Aires, em *Memorial de Aires*, de Machado de Assis.

### **Machado de Assis: um fantasma em meio ao *Memorial de Aires***

*Memorial de Aires*, obra que encerra as produções romanescas de Machado de Assis, é publicada em 1908, poucos meses antes de seu falecimento. No período da escrita do *Memorial*, Machado já se encontrava viúvo, solitário, doente e desiludido com a vida, envolto às lembranças dos 35 anos de união com sua esposa Dona Carolina.

Diante desta situação e, vislumbrando o fim próximo de sua vida, Machado aborda no *Memorial de Aires* temas como a solidão, a velhice e a morte, autobiografando-se na personagem do Conselheiro Aires, para relatar suas impressões e reflexões sobre o tédio e a ausência de sentidos e horizontes da própria vida. Nesse processo, alguns críticos pontuam, também, uma aproximação entre o casal Machado de Assis e o casal Aguiar, retratado pelo Conselheiro Aires no romance.

Essa identificação que é feita entre as figuras do autor e o narrador/personagem do romance é justificada através de pistas biográficas deixadas por Machado de Assis e, mediante análise do prefácio da obra, onde Machado (autor-editor do *Memorial*) tenta unir-se ao protagonista Aires ao abreviar sua assinatura com o “*M. de A.*”, confundindo assim, a figura do autor fictício (Marcondes de Aires) e a do autor biográfico (Machado de Assis). No entanto, mesmo sendo evidentes as identificações entre autor e narrador e entre o casal Assis (real) e o casal Aguiar (ficcional) na obra *Memorial de Aires*, transformar “as

---

\* Discente do Curso de Letras/Português da Universidade Estadual de Montes Claros/MG.

memórias do velho Aires exclusivamente em notas autobiográficas do autor seria perder muito das sutilezas que o texto oferece” (Xavier, 1994, p. 94).

Diante do exposto, sugerimos a análise dessa obra como uma *escritura memorialística pseudo-autobiográfica*, estruturada a partir de um percurso biográfico metalingüístico, construído pela presença de um narrador/personagem (Aires) que escreve suas memórias narrando e analisando a vida de suas personagens, na medida em que constrói a sua autobiografia, também marcada por elementos biográficos do pseudo-editor do seu diário: o autor *Machado de Assis*. Nesse sentido, a expressão *pseudo-autobiografia* é cunhada para designar a ausência de identidade entre *autor-narrador-personagem*, pois, por mais similitudes que possam ser traçadas entre a figura do autor e do narrador, eles não podem ser considerados o mesmo sujeito.

Por outro lado, mesmo não sendo concretizado o pacto autobiográfico em *Memorial de Aires*, é perfeitamente plausível afirmar que o autor Machado de Assis se apresenta transfigurado na máscara ficcional do Conselheiro Aires, narrador e personagem da obra, que tenta, a partir da escrita do diário, recompor a unidade de sua vida através do tempo. No período de quase dois anos de escrita, nos é revelada a tentativa do diarista de reconstituir e decodificar sua vida em sua globalidade. Ao relatar fatos de sua história, o Conselheiro Aires, indivíduo, tenta chegar a si mesmo, situando-se como é, na perspectiva do que foi.

Tendo em vista o fato de o *Memorial de Aires* se constituir como uma *pseudo-autobiografia* ou *autobiografia ficcional*, Miranda (1992, p. 37) afirma que temos então “uma visão e uma escrita dupla, inscritas num espaço onde as duas categorias – a autobiografia e o romance - não são redutíveis a nenhuma das duas isoladamente, num jogo em que ficção e não-ficção se interpenetram”. Para identificar esse tipo de escritura memorialística, o autor explicita sobre o “pacto fantasmático”, onde “o leitor é convidado a ler romances, não apenas como ficções que remetem a uma verdade de natureza humana, mas também como fantasmas reveladores de um indivíduo – o autor” (Ibidem, p. 37). Através desse pacto, temos o desdobramento do autor em figuras diversas, como se o fantasma do autor rondasse em meio aos personagens de sua obra. Em *Memorial de Aires* teríamos, então, um romance estabelecido através desse pacto fantasmático, onde a figura

de Machado de Assis é formada em meio aos seus personagens, no entrecruzamento entre ficção e realidade.

### **A escritura memorialística e o diário do Conselheiro Aires**

O diário íntimo do Conselheiro Aires abrange episódios datados entre janeiro de 1888 e setembro de 1889, época da abolição da escravatura. No entanto, essa data é utilizada apenas como “demarcador contextual e temporal” para a narração da trajetória do casal Aguiar e de seus sobrinhos postigos Tristão e Fidélia. O Conselheiro Aires, porém, não se limita a narrar a trajetória dessas personagens. No ato da escrita do diário, ele registra os acontecimentos conforme a sua ótica e utiliza-se da observação/análise dos personagens para tecer sua autobiografia, ou seja, refletir sobre sua própria existência, enquanto sujeito. Dessa forma, Aires, ora será objeto do seu próprio relato – quando volta o discurso para si, ora será mera testemunha dos acontecimentos - quando se propõe a contar as desventuras das outras personagens. De acordo com Saraiva (1990, p. 222), essa alternância entre narrador-protagonista e narrador-espectador se dá de maneira que “o olhar do narrador, deixando de incidir sobre si mesmo, dispersa-se naqueles que o circundam, sem que tal procedimento dissolva, aos olhos do leitor, a presença do eu-enunciador”.

Segundo Miranda (1992, p. 36), pode-se diferenciar o “memorialismo” da “autobiografia”, tendo em vista o fato de que “o tema tratado pelos textos memorialistas não é o da vida individual, o da história de uma personalidade”. De acordo com esse autor, “nas memórias, a narrativa da vida do autor é contaminada pela dos acontecimentos testemunhados que passam a ser privilegiados”. Nesse sentido e, não obstante o fato de o *Memorial de Aires* ser construído em forma de um diário íntimo, escrita tipicamente individualista, as posições de espectador e protagonista assumidas pelo narrador Aires fazem com que seu relato seja voltado, ora para a narração da história de sua própria personalidade (autobiografia), ora para a narração da trajetória do casal Aguiar e de seus sobrinhos: Tristão e Fidélia (memorialismo).

Na verdade, os textos que se caracterizam enquanto relatos de vida acompanham o movimento de construção do sujeito no tempo, daí o problema de delimitação das “escritas do eu”. Dessa forma, possibilitam a diferenciação em termos de subgêneros

(autobiografia, diários, memorialismo, auto-retratos etc.) comumente constituídos de forma híbrida ou entrecruzada.

A escritura memorialística ou literatura confessional, segundo Remédios (1996), “é aquela que mais se aproxima do leitor, porque fala de um *eu*, de uma pessoa viva que ali se encontra e que diante do leitor desnuda sua vida, estabelecendo-se, então, uma perfeita união entre autor e leitor”. Resulta então, dessa união, uma literatura centrada no sujeito, pois o sujeito é objeto de seu próprio discurso.

Em relação à biografia, verifica-se que, nas últimas décadas, tem se desvencilhado da sua função inicial de testemunho da vida de pessoas para se firmar como gênero literário: “Dispensada do peso de representar a realidade, passou a ser vista a partir da perspectiva ficcional e cada vez mais é considerada como uma interpretação de uma vida, um recorte, um modo de ver, fruto da escolha do biógrafo” (Bastos, 2004). A construção biográfica passa a ser então, autoral, fruto de um olhar ficcionalizante, muito mais que documental. Dessa forma, construir uma biografia é se colocar diante do outro e de si mesmo, é tecer um texto a partir da memória, intuição, pesquisa e reflexão.

Assim compreendendo, observa-se que as histórias de vida centram-se no sujeito, num “eu” que escreve sobre “outro eu”, seja esse ele mesmo (autobiografia) ou outro (biografia). Nessa perspectiva, o gênero autobiográfico se insere na escrita memorialística, sendo caracterizado, segundo Josef (1998, p. 295) “por ser um discurso *documental, testemunhal* ou *ficcional* que se funda em convenções à primeira vista opostas: *veracidade histórica e ficcionalidade reinterpretativa*”.

Segundo Lejeune (apud Josef, 1998, p. 296) a autobiografia se define como um "relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, dando ênfase à sua vida individual e, em particular, à história de sua personalidade". Como vimos, o entrecruzamento entre os gêneros da escritura memorialística é bastante comum. Diante dessa premissa, constata-se que o diário do Conselheiro Aires se encaixaria perfeitamente no conceito proposto por *Lejeune* para a autobiografia, a não ser pelo fato de Aires representar uma personalidade ficcional. Constata-se, dessa maneira, um hibridismo de gêneros memorialísticos na obra *Memorial de Aires*.

No entanto, o gênero autobiográfico e o gênero diarístico possuem algumas especificidades que devem ser identificadas. Ambos perseguem “o objetivo claro que é dar

ao *eu* um corpo de palavra cujo contorno será a história do autor” (Remédios, 1996) e, segundo Georges May (apud Remédios, 1996) destacam-se pela existência de um “fundo histórico-cultural filtrado pela memória e pela subjetividade de um *eu* social”. Porém, de acordo com Miranda (1992) não se deve diferenciar o diário da autobiografia, em “termos de menor ou maior grau de ficcionalidade”, mas, principalmente, em relação à “perspectiva de retrospectão”. No diário, é pequena a distância temporal e espacial entre “o vivido e o registro desse vivido pela escrita”, possibilitando ao diarista datar “com precisão os diversos momentos da sua vida, podendo voltar-se constantemente sobre si, enquanto escreve” (Miranda, 1992, p. 34). Já na autobiografia, a grande distância temporal entre os eventos e o registro dos mesmos submete a escrita ao caráter de seleção arbitrário da memória, ao mesmo tempo em que possibilita ao autobiógrafo “uma reflexão que reordena o passado e busca dar-lhe um sentido” (Ibidem, p. 34).

Além disso, o diário íntimo possui o diferencial de ser baseado no “segredo”, constituindo-se em uma escrita privada que deixa de lado o pacto entre autor e leitor. Dessa forma, o diarista assume, no ato da escrita, uma postura narcísica de um sujeito a contemplar-se diante de um espelho, pois tal escrita pressupõe a figura do emissor e receptor centrada em um mesmo sujeito – aquele que escreve, constituindo-se em uma “escrita de si e para si” que exclui o olhar alheio.

De acordo com Remédios (1996), o diarista “não possui qualquer horizonte de expectativa, porque não obedece a qualquer modelo, uma vez que ele não conta *o que fez*, mas busca dizer *quem é* através da experimentação da linguagem”. No entanto, em *Memorial de Aires*, que se configura como um *diário íntimo ficcional*, pode-se verificar uma “*pseudo auto-destinação*”, onde o “narratário é o destinatário inscrito no texto, remetendo ao próprio narrador ou a um receptor externo que permanece restrito à sua virtualidade” (Miranda, 1992, p. 35). Dessa forma, verifica-se que o narrador Aires, ao mesmo tempo que dialoga consigo mesmo, concebe a existência de um leitor “virtual” que dialoga com sua obra, remetendo-nos a um “contrato” entre o autor (Machado de Assis) e o leitor da obra *Memorial de Aires*. Tal premissa é perceptível no excerto relativo à escrita do diário no dia 08 de abril de 1888:

Papel, amigo papel, não recolhas tudo o que escrever esta pena vadia. Querendo servir-me, acabarás desservindo-me, porque se acontecer que eu me vá desta

vida, sem tempo de te reduzir a cinzas, os que me lerem depois da missa do sétimo dia, ou antes, ou ainda antes do enterro, podem cuidar que te confio cuidados de amor (Assis, 2004, pp. 38-39).

Da mesma forma que esse trecho do diário revela um contrato firmado entre o autor e o leitor da obra *Memorial de Aires*, identificado como o “amigo papel”, revela também um contrato de Aires - emissor e o receptor inscrito no texto, com um possível leitor de seu diário, concebido dentro da própria narrativa. Assim, embora Aires permaneça fechado no texto, ele pressupõe um grau de abertura com um possível leitor, que possa vir a entrar em contato com seu diário e lê-lo, seja em vida ou após a sua morte, concebendo a idéia de publicação póstuma de seu diário.

### **O diário do Conselheiro Aires e as dilacerações da escrita e do eu**

Segundo Málaque (2004), um aspecto importante apontado como diferenciação entre o memorialista, autobiógrafo e o diarista é que esse geralmente é caracterizado como um “herói duvidoso”, “indivíduo fracassado na condução de sua vida e sem força alguma diante do mundo”, um sofredor nato que, diante da própria impotência, busca um refúgio seguro na escrita do diário e na reconstituição da memória. Ao contrário, o gênero autobiográfico e o memorialismo, freqüentemente, são marcados pela descrição de uma personagem heróica e vencedora, muitas vezes gloriosa, que passa por muitas dificuldades, mas, ao fim, alcança o sucesso. A respeito dessa diferenciação, Béatrice Didier (apud Málaque, 2004) explicita que o “diarista sente-se vítima de uma grande delicadeza, de uma timidez, de uma sensibilidade, razão porque não conseguiria obter uma imagem global se si próprio”.

Em *Memorial de Aires*, percebemos que o narrador/protagonista Marcondes Aires é um homem aposentado de grande intelecto, refinado, profissionalmente bem sucedido e possuidor de um convívio intenso com a sociedade. Porém, as supracitadas características típicas de diaristas podem ser identificadas no Conselheiro Aires através da escrita do seu diário, como ocorre no trecho extraído da narração do diário do dia 30 de setembro de 1888:

Eu tenho a mulher embaixo do chão de Viena e nenhum dos meus filhos saiu do berço do nada. Estou só, totalmente só. Os rumores de fora, carros, bestas, gentes, campainhas e assobios, nada disto vive para mim. Quando muito o meu relógio

de parede, batendo as horas, parece falar alguma coisa, - mas fala tardo, pouco e fúnebre. Eu mesmo, relendo estas últimas linhas, pareço-me um coveiro (Assis, 2004, p. 91).

Assim, tal personagem demonstra-se como um sujeito frustrado, impotente diante da sua velhice e da própria existência, abandonado pela ausência de uma companheira e de filhos. Enfim, trata-se de um homem aposentado que se esconde atrás de uma “máscara da urbanidade, velando a face e o discurso do homem solitário no contexto do grupo social, de cuja insipidez se resguarda, quando tenta fugir ‘pela memória’, recordando sensações, revivendo quadros, viagens, pessoas” (Saraiva, 1990, p. 219).

Aires, ao retornar ao Brasil, depois de uma grande temporada na Europa, vê sua estada no seu país de origem como um lugar onde passará sua improrrogável velhice e os últimos e mais difíceis anos de sua vida, como é retratado no excerto relativo à narração do diário, no dia *09 de janeiro de 1888*:

Durante meus trinta e tantos anos de diplomacia algumas vezes vim ao Brasil, com licença. O mais do tempo vivi fora, em várias partes, e não foi pouco. Cuidei que não acabaria de me habituar novamente a esta outra vida de cá. Pois acabei. Certamente ainda me lembram cousas e pessoas de longe, diversões, paisagens, costumes, mas não morro de saudades por nada. Aqui estou vivo, aqui morrerei (Assis, 2004, p. 15).

A escrita do diário do Conselheiro Aires justifica-se, dessa forma, como o refúgio para suas angústias, recordação de sensações que sua condição o impossibilita de viver e fuga de sua condição solitária e ociosa de velho aposentado. Escrever o diário também significa para o Conselheiro Aires, analisar a sua vida e discorrer sobre as suas impressões sobre os acontecimentos e, acima de tudo, suprir a necessidade que o seu ofício lhe impôs de conversar, ou seja, de dialogar, mesmo que o seu interlocutor seja ele mesmo, ou melhor, o “amigo papel”, como se verifica na escrita do diário, no dia *12 de novembro de 1889*:

Hoje, que não saio, vou glossar este mote. Acudo assim á necessidade de falar comigo, já que não posso fazer com outros; é o meu mal. A índole e a vida me deram o gosto e o costume de conversar. A diplomacia me ensinou a aturar com paciência uma infinidade de sujeitos intoleráveis que este mundo nutre para os seus propósitos secretos. A aposentação me restituiu a mim mesmo; mas lá vem dia em que, não saindo de casa e cansado de ler, sou obrigado a falar, e não podendo falar só, escrevo (Assis, 2004, p. 109).

Diante da condição de senilidade entediante na qual vivia o Conselheiro Aires, como se estivesse “exilado em sua própria terra”, tendo que recorrer à escrita para satisfazer suas necessidades de diálogo e fugir da solidão, ele “opta por transferir à escrita a incumbência de preencher a ociosidade e o vazio da existência, quando nada lhe resta senão buscar a compressão do passado ou compor o registro do presente, para reter a vida que se esvai na gratuidade dos dias” (Saraiva, 1990, p. 219).

Assim, na tentativa de preencher o seu vazio existencial, Aires, inconscientemente ou propositalmente, se vê tentado pelo desafio que sua mana Rita propõe para ele casar-se com Fidélia, a viúva e sobrinha “postiça” do casal Aguiar. A partir daí, um interesse súbito pela figura de Fidélia é despertado em Aires, que passa a se envolver com essas personagens, colocando nas páginas do diário suas narrações e impressões acerca da trajetória e atitudes das mesmas.

No entanto, a aproximação do Conselheiro Aires com a personagem Fidélia instaura no narrador um ponto conflitante que vai caracterizar o desenvolvimento da narrativa. Encantado pela figura de Fidélia e, ao mesmo tempo, marcado pela passividade diante desse objeto de encantamento, conjuga-se na figura do Conselheiro Aires, o desejo de amar/possuir Fidélia e de viver intensamente em contraponto com a consciência de sua velhice e incapacidade de amar. Tal embate é bem representado pelo intertexto com o verso de *Shelley*, retomado várias vezes durante a narrativa, onde, ao mesmo tempo, Aires *nega e afirma* sua incapacidade de amar, demonstrando um conflito interno que representa a síntese da personagem Aires e um dos motivos que o leva a escrever o diário, como percebemos no trecho relativo ao dia *25 de janeiro de 1988*, quando o narrador exprime sua primeira impressão sobre Fidélia;

(...) Eu, depois de alguns instantes de exame, eis o que pensei da pessoa. Não pensei logo em prosa, mas em verso, e um verso justamente de Shelley, que relera dias antes, em casa, como lá ficou dito atrás, e tirado de uma das estâncias de 1821:

*“I can give not what men call love”*

Assim disse comigo em inglês, mas logo depois repeti em prosa nossa a confissão do poeta, com um fecho da minha composição: “Eu não posso dar o que os homens chamam amor”... e é pena! (Assis, 2004, p.23).



e também no excerto referente à escrita do diário no dia *18 julho de 1889*, onde Aires confessa claramente seu desejo/fascínio por Fidélia, por meio da metáfora do olhar:

Não acabarei esta página sem dizer que me passou agora pela frente a figura de Fidélia, tal como a deixei a bordo, mas sem lágrimas. Sentou-se no canapé e ficamos a olhar um para o outro, ela desfeita em graça, eu desmentindo Shelley com todas as forças sexagenárias restantes. Ah! Basta! Cuidemos de ir logo aos velhos (Assis, 2004, p.150).

O referido embate vai percorrer as páginas do diário até o momento em que o Conselheiro fica sabendo do amor que Fidélia e Tristão nutrem entre si. Nesse momento, o embate se desfaz e Aires se entrega ao abandono da sua própria velhice e a do casal Aguiar, como retratado no final da obra, na passagem relativa ao dia *30 de agosto de 1889*:

– Desembargador, se os mortos vão depressa, os velhos ainda vão mais depressa que os mortos... Viva a mocidade!

Campos não me entendeu, nem logo, nem completamente. Tive então de lhe dizer que aludia ao marido defunto, e aos dois velhos deixados pelos dois moços, e concluí que a mocidade tem o direito de viver e amar, e separar-se alegremente do extinto e do caduco. Não concordou – o que mostra que ainda então não me entendeu completamente (Assis, 2004, p.151).

A extinção desse embate, devido à união do casal Tristão e Fidélia, ocasiona no narrador um movimento que o coloca, definitivamente, na posição de *espectador* diante da vida, finalizando essa cisão que caracteriza a personagem. A esse respeito, verifica-se que Aires, ao se apresentar durante a escrita do diário, ora como protagonista/ator, ora como espectador, acabava por negar ambas as posições. Essa negação é evidenciada na maneira pela qual o narrador, ao mesmo tempo, aceitava e refutava o desafio proposto por sua irmã, não alcançado sucesso em nenhuma das proposições. No primeiro caso, não conseguia se desfazer de seu sentimento de impotência para cumprir o desafio. Já no segundo, aceitava a sua condição de velho solitário e seu fim inevitável, mas demonstrava-se tentado pelo mesmo desafio. Assim, o Conselheiro Aires, julgando-se possuidor das “armas” da observação e racionalidade para combater o ilusório e o romanesco, acaba por permitir “que elas sejam neutralizadas pelo desejo de preencher lacunas existenciais” (Saraiva, 1990, p. 246), como se verifica no trecho do diário referente ao dia *15 de fevereiro de 1889*, quando o narrador revela o sentimento de inveja nele despertado pelo amor de Tristão e Fidélia:

(...) Conheciam-se integralmente. Se alguma célula ou desvão lhes faltava descobrir, eles iam logo e pronto, e penetravam um no outro, com uma luz viva que ninguém acendeu. Isto que digo pode ser obscuro, mas não é fantasia; foi o que vi com estes olhos. E tive-lhes inveja. Não emendo esta frase, tive inveja aos dois, porque naquela transfusão desapareciam os sexos diferentes para só ficar um estado único (Assis, 2004, p.128).

A partir do momento em que Aires toma consciência do amor de Tristão por Fidélia, o narrador/personagem passa a se apresentar, “não mais cindido entre o desejar e o agir”, é limitado, no entanto, “a viver no presente a ruptura com a vida, enfatizada por outra forma de separação: aquela que se dá entre a maturidade e a velhice, ou seja, o estágio de inclusão à vida ou o estágio de inclusão à morte” (Saraiva, 1990, p. 228). Tal separação leva o narrador a tornar-se consciente de sua condição de velho solitário diante da vida, como verificamos no excerto em que ele afirma que “a mocidade tem o direito de viver e amar, e separar-se alegremente, do extinto e do caduco” (Assis, 2004, p. 151).

De acordo com Málaque (2004) o diário “ao mesmo tempo em que se liga à morte, liga-se também à vida”. Essa afirmação pode ser fundamentada através da análise da escrita do diário de Aires. Percebe-se que a figura de Fidélia gera no Conselheiro Aires um desequilíbrio e um certo “fascínio pela vida”, que o leva a se expor no seu diário, vivendo e desfrutando na escrita as sensações que esse fascínio lhe acarretava e que ele não era capaz de desfrutar no “plano do real”. Da mesma forma, a desilusão proporcionada pela união entre Tristão e Fidélia e a grande proximidade do Conselheiro com o casal Aguiar promovem o conformismo e aceitação da velhice e da morte como fim único e inevitável do trio de velhos retratado na obra.

Ainda outro aspecto que deve ser ressaltado em relação ao gênero diarístico é a sua característica de *incompletude* - o diarista, ao contrário do autobiógrafo ou do memorialista, não termina a sua obra e não é capaz de visualizar sua própria vida como um todo, através de uma visão global de si mesmo. De acordo com Málaque (2004), “o diário não tem a obrigação de continuidade. O diarista pode fazer interrupções e, como escrita do dia-a-dia, tem a liberdade de escrever o que quiser na ordem em que desejar. Não precisa se preocupar com a coerência de um enredo ou com a lógica da narrativa”. Assim, o diário caracteriza-se como um texto de caráter “fragmentário” e sem “fecho conclusivo”, fator que, segundo Paul Ricouer (apud Málaque, 2004) “convém a uma obra que levanta de

propósito um problema que o autor considera insolúvel, colocando em relevo o caráter interminável da temática da obra inteira”.

Assim, por mais linear e circular que o *Memorial de Aires* seja, desde o prólogo até o seu “fecho inconcluso”, tais características revertem-se “sobre uma situação-limite – a velhice - que impõe a exclusão dos indivíduos tanto do círculo da produtividade, quanto do círculo dos afetos” (Saraiva, 1990, p. 236). Temos, então, o problema conflitante e *insolúvel* que é levantado pelo autor: “a tomada de consciência da inevitável exclusão acarretada pela velhice”, que se revela *na* e *através* da escrita do diário, pois, como nos afirma Saraiva (1990, p. 229), desenvolve-se no âmago da personagem Aires, um conflito pessoal “representado pela oposição entre *Eros e Tântatos*, entre o desejo e sua irrealização, entre o papel de protagonista e o de testemunha, para chegar, finalmente, ao acolhimento da condição imposta pelo ciclo da vida”.

A tomada de consciência desse problema insolúvel (ou solucionável somente através da morte) propiciada através da escrita do diário termina por gerar uma dilaceração do eu-narrador, que não consegue construir uma visão global de si mesmo e vê-se, na etapa final de sua vida, como um sujeito frustrado e abandonado. Ao fim do relato, ele toma consciência plena da sua desagregação no mundo, renunciando à vida e se entregando à “saudade de si mesmo”. Não sem razão o *Memorial de Aires* é marcado pela nostalgia, apenas restando aos velhos retratados na obra a morte ou o refúgio através da memória e da escrita do diário.

Em *Memorial de Aires*, verifica-se que a submissão humana ao tempo, relacionada ao contraste entre juventude e velhice, provoca uma situação de conflito que, no decorrer da obra, vai ocasionar o aniquilamento do Conselheiro, enquanto sujeito. De acordo com Saraiva (1990) são complexas as relações do narrador com a temporalidade, na escritura do diário de Aires, conjugando em suas páginas uma “dimensão temporal múltipla”, em que Aires, intercalando a narração dos eventos ocorridos no decorrer dos dias, reporta-se ao passado próximo e ao passado remoto, para relacioná-los com o próprio presente de enunciador e ligá-los a um futuro próximo. Da mesma forma, o narrador volta-se “para o passado construído pela narração, reinterpreta os fatos, para enfim deduzir que a forma como os apreendeu pode estar viciada pela relatividade do próprio conhecimento” (Saraiva, 1990, p. 237).

Tendo em vista essa estrutura temporal, a qual o narrador recorre no ato da escrita do seu diário, Palo (2003, p. 264) afirma que o diarista Aires “se autobiografa e biografa, objetivamente, os estágios anteriores de vida, e vê o *self* de sua juventude diferentemente daquele da última fase da sua vida”. Diante disso, verifica-se que a utilização desse recurso de “desdobramento” da temporalidade narrativa acaba por contribuir para que o narrador Aires tenha uma visão fragmentada de si mesmo, não conseguindo construir uma visão global da sua personalidade, pois, vê-se desmembrado em diversos “sujeitos”, situados tanto no passado próximo e distante, quanto no presente da narrativa do seu diário. Para fugir dessa visão fraturada, Aires se apóia nas lembranças do passado e nas reflexões sobre os acontecimentos recentes e tenta instaurar um “ato de rebeldia” - a escrita do diário. Nesse processo, porém, Aires acaba por comprovar “o inegável comprometimento do eu com as experiências vivenciadas, que, longe de redimirem a unicidade do sujeito, antes indiciam sua progressiva desintegração” (Saraiva, 1990, p. 235).

Diante dessa fragmentação, percebe-se que o Conselheiro Aires, embora tente, através das recordações e memórias relatadas no diário, reconstruir uma visão “una” de si próprio, tal objetivo não é alcançado, ao contrário, ele passa, através da escrita do diário, a experimentar “o dilaceramento, a perda do eu, promulgada pelo passado já consumido pela vida irrecuperável diante do inexistente futuro” (Saraiva, 1990, p. 246).

Ao fim do diário, a dilaceração do eu-narrador alcança seu ponto culminante, momento em que o próprio Aires assume a consciência da “ausência de si”, de um eu-dilacerado, que vê refletido nas figuras de Carmo e Aguiar o seu próprio destino e a condição existencial a ele reservada: “Ao transpor a porta para a rua vi-lhes no rosto e na atitude uma expressão a que não acho nome certo ou claro; digo o que me pareceu. Queriam ser risonhos e mal se podiam consolar. Consolova-os a saudade de si mesmos” (Assis, 2004, p.152).

A partir desse último relato do *Memorial*, retratado sem data definida, subentende-se que o sentimento de “ausência” e “saudade de si” experimentados na cena de abandono do casal Aguiar acompanhará o Conselheiro Aires pelo resto de seus dias, da mesma forma que o esgotamento de sentidos para a vida e a dilaceração do eu-narrador (Aires) não será mais revertida.

Percebe-se, então, ao fim da narrativa, que a voz do narrador Aires é *silenciada*, pois o diálogo e as palavras não são mais necessários. Torna-se inútil “prosseguir no registro dos fatos e das vivências, quando a possibilidade do *dever* se esgota no presente, e quando o sentido deste é apenas sustentado por um passado irrecuperável” (Saraiva, 1990, p. 230).

Analogicamente, tendo em vista a constituição do diário íntimo, como uma *pseudo-autobiografia* de Machado de Assis, *fantasmaticamente* embuído na figura do Conselheiro, conclui-se que a tomada de consciência da sua própria dilaceração e o silenciamento da voz do narrador Aires nos permite deduzir uma “contaminação” do sujeito-autor: Machado de Assis, que experimenta o mesmo destino através da escrita da obra *Memorial de Aires*.

### **Referências bibliográficas**

ASSIS, Machado de. *Memorial de Aires*. Editora Martin Claret – São Paulo, 2004.

BASTOS, Maria Teresa Ferreira. Por parte de mãe: reflexões (auto) biográficas. Disponível em: [http://www.casaruibarbosa.gov.br/biblioteca/serie\\_memoria/palestraTeresaBastos.doc](http://www.casaruibarbosa.gov.br/biblioteca/serie_memoria/palestraTeresaBastos.doc) Acesso em: 29 abr. 2006.

JOSEF, Bella. “(Auto) biografia”: os territórios da memória e da história. In: LEENHARDT, Jacques et al. (org.). Campinas: Unicamp, 1998.

MÁLAQUE, Keila Mara Sant’Ana. O amanuense Belmiro e o gênero diarístico. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno11-12.html> Acesso em: 28 abr. 2006.

MEYER, Augusto. Textos críticos. Perspectiva S. A: São Paulo, 1986.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo horizonte: Editora UFMG, 1992.

PALO, José Maria. A crônica da vida: *Memorial de Aires*, Machado de Assis. In: Recortes Machadianos/ orgs.: Ana Salles Mariano e Maria Rosa Duarte de Oliveira. São Paulo: EDUC, 2003.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. A preservação da vida na escrita: o diário de Getúlio Vargas. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 17, 1996. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/219.pdf>> Acesso em: 29 abr. 2006.

SARAIVA, Juracy Asmann. O circuito das memórias: narrativas autobiográficas romanescas de Machado de Assis. Tese e doutorado. Porto Alegre, 1990.

XAVIER, Therezinha Mucci. Verso e reverso do favor no romance de Machado de Assis. Viçosa: UFV, 1994.